



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4 MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO IV - Nº 56 - 1ª Quinzena de setembro de 1993 - Cr\$ 20.000,00

TODA A FORÇA À GREVE DOS PROFESSORES COM MOBILIZAÇÃO DE MASSA

A greve dos professores tem sido heróica e politizada. A violência da tropa de choque do governo Fleury demonstra que a educação no capitalismo é tratada como um caso militar. Por sua vez, a disposição de luta do professorado comprova que a única via para defender o ensino e a profissão de mestre é a greve com mobilização de massa. Trata-se da CUT, dos sindicatos e da UNE apoiarem ativamente as grandes manifestações de rua, transformando-as num grande movimento político contra a burguesia sucateadora e o governo gorila. Esta greve abre caminho para unificar todos os explorados em defesa dos salários, dos empregos e das condições elementares de existência. A educação e a situação vivida do povo estão interligadas. Somente a unificação de todos contra a política neoliberal vigente no país pode defender a educação pública e gratuita e demais serviços.

RECHACEMOS AS BÁRBARAS CHACINAS QUE A CUT CONVOQUE OS TRIBUNAIS POPULARES

Mais uma vez se manifesta a besta capitalista assassinando 21 trabalhadores da favela Vigário Geral. Isto ocorreu nem bem houve o assassinato dos meninos da Candelária e dos ianomamis. Esse escândalo vem comprovar que o capitalismo em decadência impõe a barbárie, que recai sobre a maioria explorada, principalmente sobre a camada mais empobrecida, como a dos favelados. Cabe à classe operária responder com luta a essa chacina, exigindo a extinção da polícia militar e se colocando pela organização independente do Estado das milícias populares, dirigidas por comitês eleitos diretamente e subordinados às assembléias populares.

MAIS UM ABALO NA CRISE POLÍTICA

O rompimento de Fleury com Itamar chamou atenção pelo fato do governador de São Paulo ter se destacado como defensor da governabilidade. Entretanto as reuniões de apoio a Itamar não significa-

ram senão troca de favores, típico da relação oligárquica dos Estados com a Federação. O presidente da República, ao retirar o posto de presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) de Luiz Carlos Delben, cumpriu com sua promessa de atingir seus aliados que falseiam apoio. Já que a política corrompida da burguesia é o "dando que se recebe", como assim foi denominado na época Sarney,

todos devem seguir essa regra. Ocorre que Itamar entregava os cargos ao PMDB e este acabava por negar o apoio na hora certa. Foi o que fez Fleury quando entrou com a liminar contra o pagamento do IPMF. O PMDB votou no IPMF com o consentimento de Fleury, mas o governador já não quis cumprir, porque precisa de dinheiro para atender sua corruptela. A demissão de Delben foi interpretada como uma retaliação. Entretanto, o problema não pára aí. Ocorre que Fleury pretende se candidatar para as eleições de 1994 e não quer ser mais identificado com o débil governo Itamar. É o gorila se afastando da iena. Mas logo outras lideranças peemedebistas saíram em defesa de Itamar, procurando preservar os cargos de ministro e outros escalões. Foi uma reação de lideranças de outros estados que necessitam da máquina governamental para se promover nas eleições que se

avizinham. A divisão do PMDB mostrou bem o caráter fisiológico da oligarquia política, apodrecida até a medula. Enfim, a saída posterior do Ministro da Agricultura, também apadrinhado de Fleury, não pesará na decisão da parcela favorável a sustentar o capenga governo de Itamar e PSDB. Este rompimento mostra mais um episódio da instabilidade política, marcada por acordos de camarilha contra o povo. Os explorados devem aprender com essas experiências, sabendo identificar o jogo que existe no poder para ludibriar a população. Conforme as eleições se aproximarem, mais choques interburgueses ocorrerão e mais os politiquinhos se voltarão à caça do voto. Devemos rechaçar estas manobras e aproveitar a decisão da burguesia para sair às ruas em defesa das reivindicações operárias e populares.

IPMF: mais um ataque aos assalariados

O IPMF começou a ser cobrado sob inúmeras ações judiciais contra ele. Setores da burguesia ainda lutam entre si para ver quem paga e quem não. Os governos estaduais, prefeituras e instituições públicas conseguiram nos tribunais isenção do novo imposto. O governo federal insiste em que estados e municípios paguem. Itamar pressiona os governadores e prefeitos para que apliquem um corte ainda maior de recursos voltados para os serviços sociais (saúde, educação, etc) a fim de garantir a arrecadação exigida pelo acordo com o Fundo Monetário Internacional. Os governadores e

prefeitos argumentam que o novo imposto é inconstitucional em relação aos estados e municípios, porque não podem se tributar entre si. Não se opõem à cobrança aos assalariados.

O IPMF atinge essencialmente os assalariados. Isto porque além de ser descontado de cada saque de salário feito, atinge também os preços das mercadorias, já que os capitalistas amenizam seu problema com impostos através de aumentos de preços, que serão pagos pelos trabalhadores. Além disso, as empresas poderão descontar parte do IPMF no imposto de renda.

O governo Itamar atende às pressões do capital estrangeiro sugando ainda mais o sangue do trabalhador para conseguir pagar os juros da dívida externa. Os partidos patronais preocupam-se apenas com seus interesses regionais e livram as costas dos seus governadores e prefeitos.

As organizações sindicais e populares, seja as de direita ou esquerda, limitam-se a entrar com processos na Justiça

burguesa, que não levarão a nada. Trata-se de ações demagógicas, apenas para se poder dizer que se fez alguma coisa.

É preciso levantar a reivindicação de isenção de impostos aos assalariados como parte da luta em defesa das condições de vida das massas. Quem já não ganha nem o suficiente para sobreviver não pode arcar com tributos. Pior ainda em relação a impostos voltados a enriquecer ainda mais os capitalistas estrangeiros às custas da fome nacional. Defendamos que apenas os capitalistas paguem todos os impostos. Lutemos contra a destinação do dinheiro público ao pagamento da agiotagem internacional, pelo não pagamento da dívida externa. Organizemos um movimento nacional de luta em defesa das condições de vida das massas.

Abaixo o IPMF! Nenhum imposto aos assalariados! Que só os capitalistas paguem todos os impostos!

Não pagamento da Dívida Externa!

Chega de demagogia parlamentar!
Campanha Nacional de Lutas!

**ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS
O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A
DITADURA DO PROLETARIADO**

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO
NO NORTE E NORDESTE EScreva PARA
CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CE - CEP 60001-970



Itamar continua entregando as estatais

A privatização da Cosipa ocorreu mediante dura repressão aos manifestantes diante da Bolsa de Valores em São Paulo. O valor inicial de compra fixado pelo governo era tão ridículo que os capitalistas ofereceram o dobro e ainda fizeram um ótimo negócio. E uma empresa básica para toda a indústria nacional como é a Cosipa foi entregue quase de graça.

Os capitalistas, que já haviam sido beneficiados durante décadas com a compra de aço subsidiado pelo governo, recebem quase de presente a Siderúrgica Paulista. Itamar segue a linha entreguista de Collor, e vai doando aos capitalistas daqui e de fora do país as empresas estatais.

Ao contrário do que diz a propaganda mentirosa do governo, as privatizações implicam muitas vezes em mais gastos da União. O governo, antes de privatizar, gasta uma fortuna pagando dívidas antigas e desvalorizadas, aumenta os preços dos produtos ou serviços das estatais tornando-as lucrativas, e depois as entrega com preços irrisórios, a serem pagos com uma entrada de pouco mais de 3 por cento e o restante podendo ser quitado com papéis das dívidas do governo, desvalorizados em até 70%.

A entrega das estatais é uma imposição do imperialismo e dos credores estrangeiros, que pretendem colocá-las sob seu controle. A ocorrência de repressão violenta contra os estudantes que se manifestavam contra a privatização mostra a disposição dos governos federal e estadual em acelerar o ritmo de entrega das empresas públicas a qualquer custo, sob mando do imperialismo.

Certamente não será apenas com manifestações nas portas das Bolsas de Valores que poderemos impedir a entrega do patrimônio público. Trata-se de organizar um movimento que parta das próprias empresas estatais, com a ocupação e a reivindicação de controle operário das mesmas, generalizado pelo país e centralizado nacionalmente pela CUT. Um movimento que se choque com a burguesia e seu governo entreguista e se oponha à opressão imperialista. E que estabeleça a unidade com os outros setores oprimidos da sociedade. A luta contra a opressão nacional depende de se construir essa frente de luta, antiimperialista e revolucionária.

O Controle Imperialista do Brasil

O economista Octávio Barros, da Unicamp, publicou no boletim Up Date da Câmara Americana do Comércio o resultado de uma pesquisa que indica o montante de 72,5 bilhões de dólares de investimentos estrangeiros. Demonstra também que o capital imperialista domina 42% das vendas externas de manufaturados. O objetivo do economista, evidentemente, não foi o de denunciar o controle externo da economia nacional, mas sim o de plantar uma maior valorização do papel das multinacionais. O que quer dizer favorecê-las ainda mais, como o quadro das 500 maiores comprova. Estes números revelam o porquê da burguesia nacional (FIESP, CNI, etc) ser vassala das potências que de fora para dentro condicionam as forças produtivas internas, subordinando-as cada vez mais aos interesses monopolistas do capital financeiro. Este conteúdo econômico impõe a luta antiimperialista pela expropriação do grande capital e confere um conteúdo programático anticapitalista.

AS 500 MAIORES EMPRESAS

"As 500 maiores empresas brasileiras faturaram 8,4% mais em 1992 que em 1991 e viram seu patrimônio líquido aumentar 0,7%". Isto é o que informa o jornal Estado de São Paulo, a partir da pesquisa Melhores e Maiores 1993. Pela listagem das maiores privadas, logo vemos que não têm nada de "empresas brasileiras", são multinacionais. Vejamos a lista das 10 primeiras colocadas: 1) Autolatina, 2) Souza Cruz, 3) Shell, 4) General Motors, 5) Varig, 6) Esso, 7) CR Almeida 8) Fiat Automóveis 9) Carrefour e 10) Texaco. A grande maioria são empresas estrangeiras, que por seu peso econômico controlam grande parte da economia interna. Esses monopólios gigantescos condicionam a produção, o mercado, a exportação, os altos preços inflacionários e portanto, as tendências econômicas do país. Entre as estatais, as maiores são: 1) Petrobrás, 2) Petrobrás Distribuidora, 3) EletroPaulo. Eis porque o capital estrangeiro está de olho neste setor estratégico. Por detrás das siderúrgicas privatizadas está o capital japonês. Só falta os imperialistas colocarem as mãos no petróleo e energia elétrica, para que o domínio externo fique em posição do mais avançado domínio. Basta se ver que o faturamento da Autolatina, a primeira das privadas, foi de 5,2 bilhões de dólares, enquanto a Petrobrás foi de 14,2 bilhões e Petrobrás Distribuidora de 5,7 bilhões. A fonte de pobreza das massas brasileiras e da opressão nacional está no controle do capital multinacional, que sangra o país. Somente sua expropriação revolucionária e estatização poderão resolver a crise social e desenvolver a economia. Este deve ser o objetivo do programa proletário.

Revisão Constitucional contra as massas

A burguesia pretende impor a reforma constitucional para aprofundar a linha antinacional e antipopular de Collor, seguida por Itamar, e disciplinar o futuro governo e congresso ao neoliberalismo. A intenção de realizar a reforma ainda este ano é apoiada pela maioria da burguesia. Alguns setores que defendem o adiamento da reforma o fazem julgando ser possível ver contempladas suas reivindicações pelo futuro Congresso. Isso porque será eleito sob influência das eleições presidenciais do ano que vem, e supostamente se colocaria por um entreguismo mais disfarçado (preservando alguns interesses da burguesia nacional).

As disputas interburguesas se colocam ao redor de interesses menores de cada fração. Os interesses maiores em jogo, os do imperialismo, são avaliados por todos os setores no parlamento. Por isso os conflitos do tipo quem presidiria a assembléia revisional, se o Senado ou a Câmara, resolvem-se através das negociações.

A luta interburguesa tende a se intensificar em relação aos aspectos de controle do aparelho do Estado. Por exemplo, a proporção da bancada de cada Estado no Congresso, as condições de legalização dos partidos, etc.

Mas não há dúvida que a burguesia irá usar a reforma constitucional para atacar as conquistas sociais dos trabalhadores. Por isso é necessário organizar um movimento nacional que se contraponha às manobras burguesas e lance uma campanha nacional de lutas que defenda as conquistas sociais e exija o salário mínimo real com escala móvel e o fim do desemprego.



O que pretende a FIESP?

A Federação da Indústria e Comércio (FIESP) aprovou um documento, onde constam os pontos fundamentais para a

reforma constitucional. São eles: 1) Fim do monopólio estatal do petróleo, da pesquisa e da industrialização de minérios nucleares. 2) Fim da reserva de exploração por empresa estatal dos serviços telefônicos, de telecomunicações e distribuição de gás canalizado. 3) Eliminar a distinção entre capital nacional e estrangeiro, que serve de proteção à economia interna. 4) Fim da aposentadoria por tempo de serviço e adoção da aposentadoria por idade de 65 anos. 5) Privatização da previdência social. 6) Fim da

estabilidade do funcionalismo. 7) Banco Central independente. 8) Implantação do voto distrital misto.

Este conjunto de medidas proposto pelo grande capital ataca em três linhas: 1) Liquida com o controle estratégico estatal de setores chaves da economia nacional. Facilita o maior domínio do capital imperialista (estrangeiro). E propõe reforçar manejo da política econômica, colocando o Banco Central sob a influência mais direta do grande capital financeiro. Este é o sentido da maior autonomia do Banco Central. Este item indica a que ponto o grande capital nacional está fundido com o capital imperialista. 2) Ataca violentamente conquistas sociais, como seguridade social, estabilidade do funcionalismo, etc. Demonstra assim a ganância da grande burguesia, que para se proteger da crise capitalista ataca a fundo as já precárias condições de vida das massas. O grande capital é a camada dirigente do país, por isso suas posições reacionárias revelam

seu esgotamento, ou seja, sua incapacidade para encontrar qualquer saída que não seja bárbara para a crise. 3) Limita e mutila a democracia burguesa, ou seja, a própria democracia de sua classe, implantando o voto distrital misto. Não temos no Brasil uma democracia capitalista plena, basta se ver o corporativismo, a corrupção econômica da política, a podridão do parlamento e a existência de oligarquias partidárias dominantes. O voto distrital objetiva tornar mais oligarquizada a democracia burguesa, mutilando o voto direto, formando feudos eleitorais e cassando os partidos de esquerda sem poder econômico.

Estas três linhas de ação são antinacionais e antipopulares. As massas exploradas são a única força capaz de rebater mais esta ofensiva de entreguismo ao capital multinacional e de fome e miséria. É necessário rebater o plano da FIESP, saindo às ruas em defesa das reivindicações antiimperialistas e populares.

Por um plano dos explorados, ganhar as ruas.

A burguesia está pronta para impor os interesses da minoria exploradora sobre a maioria explorada. Com a reforma constitucional procura esconder as verdadeiras razões da crise, para justificar a agressão sobre as massas. Num país onde cresce o desemprego, o subemprego e a fome de milhões, as medidas propostas pela FIESP devem ser rechaçadas com grandes mobilizações de massas. Os explorados têm a CUT e os sindicatos como instrumentos organizativos capazes de reagir prontamente, organizando um campanha de massa. Não fazer isso significa traição e submissão ao grande capital reacionário.

A tarefa classista, oposta à traição, é a de pôr em pé uma frente de todos os explorados (operários, camponeses, classe média urbana empobrecida, estudantes) contra o grande capital nacional e imperialista. Cabe convocar assembléias sindicais, populares e estudantis para aprovar um plano dos explorados a ser implantado imediatamente pelo governo burguês. O objetivo estratégico dos trabalhadores deve ser lutar por um governo operário e camponês. A TPOR propõe para a CUT, sindicatos, UNE e assembléias que se discuta os seguintes pontos do plano:

1) Implantação do salário mínimo real de 500 dólares com escala móvel de reajuste.

2) Redução da jornada de trabalho (escala móvel de horas de trabalho), sem redução salarial, para que se acabe com o desemprego.

3) Fim do latifúndio e entrega das terras aos camponeses pobres (reforma agrária radical, sob o controle dos trabalhadores)

4) Fim das desestatizações e imediata reestatização sem indenização.

5) Estatização do sistema financeiro e cancelamento da dívida interna sob o controle do grande capital.

6) Estatização do sistema de ensino e implantação do sistema único de ensino público, laico e gratuito, sob o controle das bases.

7) Estatização do sistema de saúde, tornando-o totalmente acessível às massas.

8) Preservação de todas as conquistas sociais (aposentadoria, estabilidade, etc).

9) Moradia a toda família trabalhadora.

10) Terra para quem nela mora ou trabalha.

Estes dez itens são um ponto de partida para contrapor a frente dos explorados à frente capitalista, voltada a impôr as medidas de fome e miséria. Nesta luta o proletariado poderá se destacar como dirigente e se conscientizar das possibilidades de acabar com o capitalismo, única forma de evitar a barbárie.



FORÇA SINDICAL DEFENDE A REFORMA CONSTITUCIONAL

Mais uma vez a burocracia da Força Sindical, liderada por Magrão e Medeiros, tenta iludir os metalúrgicos com uma mensagem mentirosa, de que a Reforma Constitucional proposta pela burguesia será a salvação nacional. Como em outras vezes a burocracia vendida da Força Sindical tenta levar os trabalhadores a cometer mais um erro e pegar um caminho sem volta.

A Reforma Constitucional não passa de uma artimanha da burguesia para arrancar as conquistas sociais, como estabilidade do funcionalismo, acabar com aposentadoria por tempo de serviço, fim dos 120 dias de licença maternidade, restringe o direito de greve etc e impor mais uma vez os planos de desestatização do imperialismo.

Não se trata de defender a Constituição burguesa, mas sim de defender as reivindicações dos trabalhadores. Não devemos aceitar que os vendidos da Força Sindical cheguem nas portas das fábricas para defender a Reforma reacionária, que só beneficia os patrões.

MAIS UMA CHACINA

Pela Extinção da Polícia Militar e Pela Formação das Milícias Populares

Os assassinatos em massa estão se tornando corriqueiros no Brasil. Depois que a polícia do governador Fleury, do PMDB, pôde liquidar 111 presos da Casa de Detenção, sem que houvesse maiores conseqüências, tudo é permissível. No Rio de Janeiro, nem a tragédia da Candelária havia ocorrido, sobreveio a chacina de 21 pessoas na Favela de Vigário Geral. Foi uma verdadeira operação de guerra envolvendo 40 policiais (ninguém mais duvida disso) que, encapuçados, desfecharam tiros à vontade. Logo se verificou que os assassinos da PM mataram trabalhadores, que nada têm a ver com a guerra do narcotráfico, ao qual a polícia muito deve e vice-versa. O descontrole do governador Brizola (PDT) sobre a gangsteril PM, conhecida por outros antecedentes de massacre, é sintoma da decomposição política da burguesia e da convivência com o aparato militar composto por marginais. Que outra classificação poderíamos dar para esses assassinos? Mas como tudo na política e na administração burguesa é permitido pelo interesse de preservar a máquina de repressão, a punição branda atingirá uns quantos até a próxima chacina. Isto porque a burguesia precisa deste tipo de polícia morticida, independente de alguns juízos de valores abstratos de alguns bem intencionados defensores dos direitos humanos.

Precisa porque o capitalismo em decomposição está criando uma massa de marginais, originada das entranhas dos explorados que se acham mergulhados numa pobreza infernal. Enquanto o proletariado não fizer a revolução e colocar a economia a serviço das massas populares, o capitalismo irá jogar mais e mais seres na miséria e desta para a marginalidade. O cres-

cimento do narcotráfico nada mais é do que conseqüência desta decomposição, que acaba por contaminar as favelas de todas as grandes cidades. Num mundo assim, o aparato repressivo não pode espelhar senão a brutalidade militar, decomposta na forma de banditismo estatal. As propostas de reforma da PM e de retirar da corporação o poder de julgar seus crimes, passando para o judiciário, não passam de maquiagem. É necessário extirpar o gangsterismo predominante nos órgãos de repressão e sua formação política de reprimir os populares para manter a ordem capitalista. Em lugar da PM, deve se organizar as milícias populares em cada bairro, sob o controle da população, que pode se organizar em assembléias populares e em comitês de defesa eleitos diretamente, com revogabilidade do mandato. Certamente, os burgueses não podem admitir tal organização porque logo as armas populares se voltariam para exigir salário, emprego, moradia, condição para se acabar com o narcotráfico e a marginalidade. Mas esta deve ser a resposta para a barbárie capitalista. E por ela lutar.

Nacional



LEI PARA MENORES?

Transita no Congresso Nacional uma lei para menores, ou seja, que faculta a prisão de menores de 16 anos. Segundo seus defensores, a criminalidade praticada por menores de 18 anos tem aumentado devido às impunidades. Só não sabemos porque fixam a idade de 16 anos, quando meninos de 11, 13, 14, 15 anos estão nas ruas assaltando e mesmo matando. Se o problema for da ausência da lei, pela lógica caberia a qualquer menor. O que se pretende ocultar com a idéia de que um menor de 16 anos está tão consciente do crime quanto um de 18 anos é a causa do aumento da marginalidade entre crianças e adolescentes. Trata-se da superexploração do trabalho e dos milhões de desempregados. Num país

em que 10% da população ficam com 59% de tudo que é produzido num ano, o resultado é a existência de 32 milhões de pessoas vivendo abaixo da pobreza absoluta. O Ministro do Trabalho, Walter Barelly, acaba de declarar que os salários participam com 30% da renda nacional, enquanto que os outros 70% são apropriados pelos capitalistas. Aí está o seleiro da marginalidade, aliás, não só dos menores. Quem não vê que a criminalidade sobe com o aumento do desemprego e da fome? Os burgueses e seu parlamento podem fazer as leis que quiserem, pois a lei da sobrevivência estará acima delas, ainda que a custa de roubar e matar. Esta posição defendida no

parlamento só faz ressaltar a impotência da burguesia frente à crise social, provocada pelo seu regime de exploração. O capitalismo sempre matou de fome uma parcela dos trabalhadores, mas há época em que mata muito e muito mais, como agora. Os criminosos são os capitalistas, que elevam a cesta básica a 34% e reajustam os salários muito abaixo, que demitem em massa e deixam os desempregados sem nenhuma proteção. Os operários devem repudiar esta miserável Lei do Menor e defender o fim do capitalismo através da revolução proletária e implantação do governo operário e camponês.

RENTABILIDADE DOS BANCOS

O balanço de junho de 72 bancos demonstra que obtiveram nos primeiros seis meses cerca de 60% mais do que no ano passado.

Segundo a análise da consultoria Austin Asis, informado pelo Estadão, caso os bancos obtenham tal êxito, alcançarão um retorno de 15,57% do patrimônio líquido, que é uma superlucrativi-

dade. Estes dados demonstram que o capital financeiro é quem mais faturou entre os ramos capitalistas. Isto graças ao fato de especularem com a dívida interna, paga em peso de ouro pelo governo, e surrupiarem altas taxas de serviços bancários. Mas há um outro dado fundamental. São os baixos salários dos bancários, que prometem greve para o dia 15.

O poder de especulação e concentração financeira dos bancos espelham a decomposição do capitalismo, que pouco aplica na

produção. Os banqueiros estão entrelaçados com o grande capital industrial e comercial e vice-versa. Estes formam uma aliança de interesses contra a maioria trabalhadora, impondo sua ditadura de classe.

É parte do programa revolucionário da classe operária expropriar o capital financeiro, industrial e comercial e colocá-los a serviço da maioria. Sem isso, continuarão a lucrar, a especular com a inflação e a esmagar os salários.

É NECESSÁRIO DEFENDER A SAÚDE PÚBLICA

A burguesia tem feito uma ampla campanha pela privatização da saúde pública. As pesquisas se apóiam nas sucatas em que se transformaram a rede pública e na revolta da população para colocar a privatização como solução. Entretanto, o próprio governo reconhece que a maioria não teria nunca acesso à medicina por essa via. Não só o governo chegou a essa conclusão, como também técnicos e empresários. A constatação é simples: cerca de 100 milhões de brasileiros, ou seja, 70% da população não tem nível de renda para pagar uma saúde privada. Os preços das consultas, remédios e internações, sem falar de tratamentos mais sofisticados, são altíssimos, muito acima das possibilidades das massas.

Trata-se de uma exploração brutal da doença. Um exemplo disso é dado pelo ex-Ministro da Saúde Jamil Haddad. Explica que em "1992 a inflação na área médica no Brasil superou em 100% os índices de preço", enquanto "que nos Estados Unidos, a mesma diferença foi de 16%. Na realidade, a privatização da saúde já está muito adiantada com a medicina de grupo e quebra do sistema único de saúde. A defesa contra fechamentos de leitos, postos, e mesmo de hospitais inteiros depende da luta da população em defesa da saúde pública, que passa por estatizar todo o sistema privado, sem indenização e integrá-lo num verdadeiro sistema nacional de saúde pública.

O QUE DEVEMOS ESPERAR DA SAÚDE PÚBLICA?

No dia primeiro de setembro faleceu na Santa Casa um professor, irmão de nosso companheiro da oposição, Divo Maciel, que também é conselheiro da Apeoesp Oeste. Depois de ser atropelado, quando deixou a passadeira na v. Paulista, foi conduzido à Santa Casa. Embora o acidente tenha sido grave, os médicos simplesmente o dispensaram, sem realizar os exames mais elementares. Em casa sentiu-se mal. De volta ao hospital, se constatou perfuração do fígado e esôfago. Mas o pior estava por vir, nosso querido companheiro de luta foi acometido de uma infecção hospitalar, que lhe tirou a vida. Ninguém pode dizer que

morreu devido ao acidente. Foi vítima da situação degradante da saúde pública. Enquanto a burguesia tem seus seguros hospitais, totalmente aparelhados e com médicos à disposição, os explorados só contam com as pocilgas contaminadas, mais perigosa do que um acidente de trânsito. Nas mesmas condições morreu, por falta de atendimento médico, no mês passado, também nosso companheiro de oposição Luiz de Ilhabela. Estes acontecimentos reforçam nosso espírito de luta e a necessidade de acabar com o capitalismo para emancipar de vez os explorados, para que possam gozar de fato a vida.



A CRISE MUNDIAL - O DESEMPREGO CRESCE

Com a recessão e ajuste tecnológico, o desemprego cresce nas principais potências mundiais. Segundo a Organização para o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que congrega 24 países industrializados, o desemprego já atinge 34 milhões de pessoas. Grandes empresas multinacionais como Kodak, Volkswagen AG, General Electric, Delta Airlines, IBM, Texas Instruments têm planos de milhares de demissões. Somente a Kodak estima 10 mil. Somando a previsão deste conjunto com as demissões já ocorridas recentemente, estima-se 43.500 cortes de emprego. Estes por sua vez geram em cadeia outros milhares. Segundo a mes-

ma OCDE, há uma tendência ao crescimento da taxa do desemprego vários países. A Alemanha passou de 6,7% para 8,2%; Bélgica, de 8,2% para 9,5%; Espanha de 14,1% para 16,4%; França de 10,2% para 11,6%; Holanda de 4% para 5%; Japão de 2,1% para 2,5%; Reino Unido de 9,8% para 10,4%; Suécia de 5,1% para 9% e Suíça de 2,5% para 4,6%. Em países semicoloniais como Brasil e Argentina, também a taxa de desemprego é crescente. Em São Paulo, principal centro industrial do país, a taxa chega perto dos 15% da população economicamente ativa. O desemprego é um dos maiores flagelos do capitalismo, por-

que retira do trabalhador sua única fonte de existência, jogando-o na miséria absoluta. Seu crescimento massivo no mundo inteiro, salvo exceção conjuntural, indica a crise de superprodução e a incapacidade do capitalismo de manter crescentemente as forças produtivas. A luta de massa contra o desemprego é fundamental para preservar fisicamente a classe operária e para pôr fim ao sistema de exploração do trabalho.

Nacional

MOVIMENTO CONTRA O DESEMPREGO: É PRECISO AVANÇAR SUA ORGANIZAÇÃO

O Comitê de Luta contra o Desemprego realizou uma manifestação no dia 26 de agosto, em frente à agência de emprego, na Rua Barão de Itapetininga, no centro de São Paulo. Não houve possibilidade neste dia de fazer uma passeata até a Delegacia Regional do Trabalho, onde se levaria as reivindicações do movimento. Mas o ato gerou discussão entre os desempregados sobre a necessidade de reforçar a luta contra o desemprego. E novamente se colocou a proposta de fazer a passeata. Na semana seguinte, apesar da pouca organização do Comitê, um novo ato foi feito e colocado a idéia de fazer manifestação em frente da DRT. Durante mais de uma hora o Comitê agitou o problema do desemprego, sensibilizando os trabalhadores para a necessidade da luta. Com um megafone os próprios desempregados começam a falar sobre sua situação e o desemprego. Assim se formou uma tribuna livre. Um dos desempregados chamou a atenção para que ali estavam presentes desde engenheiros até operários, vítimas do desemprego massivo, que atinge todo o país. Um outro destacou o fato de que um trabalhador acima de 35 a 40 anos já não encontra mais trabalho, quando são pais de família e mostrou a exploração da jovem mão de obra. Todos foram unânimes em demonstrar que as agências se utilizam do desemprego para fazer negócios e se enriquecerem. E que estas

são utilizadas pelos patrões para não pagarem encargos sociais, como aviso prévio, décimo terceiro, férias, etc. Na manifestação se levantou a bandeira de passe livre para os desempregados, porque não têm dinheiro para procurar emprego. Depois de toda discussão gerada pela tribuna livre, saiu uma passeata parcial até a DRT. Lá se exigiu uma reunião com o Delegado Regional do Trabalho. Por fim, foi agendada a reunião para a próxima semana. Embora a manifestação não tenha sido grande, evidenciou a disposição de luta de uma parte dos desempregados, o que exige um trabalho de melhor organização da luta. Não há outra via para se enfrentar o desemprego senão saindo às ruas contra o governo esfomeador. O movimento deve lançar uma carta dos desempregados, contendo suas reivindicações e sobre essa base aumentar a capacidade de luta e organização.

Transcrevemos abaixo o panfleto da passeata:



É PRECISO ACABAR COM O DESEMPREGO

O desemprego tem crescido assustadoramente. São Paulo, o centro industrial do país, possui quase 2 milhões de desempregados, sem contar com os subempregados (camelôs, ambulantes). São milhares de famílias que estão passando fome por todo o país.

É preciso construir o movimento dos desempregados para exigir dos governos a nossa fonte de sobrevivência, que é o Trabalho. O Comitê dos desempregados deu o primeiro passo, realizando várias manifestações no centro de SP, nas portas das agências de emprego e em alguns bairros. Estamos reivindicando:

O fim do desemprego. Que haja redução da jornada de trabalho para 6 horas (sem redução de salários), abertura de frentes de trabalho (sob controle operário), estabilidade a todos;

O fim das agências de emprego. Que os empregos voltem às empresas (fábricas). É preciso acabar com a exploração dessas agências, que além do serviço temporário, quando demite o trabalhador não paga os encargos sociais (13º, aviso prévio, férias, etc);

O salário mínimo real e não o salário mínimo de fome do governo. Um salário para manter uma família de 4 pessoas, que é de 40 mil cruzeiros reais; Reajustes automáticos de acordo com a inflação.

Companheiro trabalhador, para esse movimento avançar é preciso que os sindicatos e a CUT assumam essa luta. É um absurdo o que vem sendo feito, quando se descarta o desempregado como mercadoria estragada. Não podemos aceitar que os sindicatos abandonem os desempregados porque estes já não podem pagar as mensalidades.

Com as privatizações, venda das estatais, o desemprego está aumentando. Agora, Maluf quer privatizar a CMTC, colocando na rua milhares de pais de famílias. Defendamos a estatização, sob o controle dos trabalhadores.

Vamos unir os empregados e desempregados nessa luta que é de todos.

Participe do comitê dos desempregados!

Reunião toda quinta-feira às 18 horas na CUT Regional SP, Rua Silveira Martins, n.8 (Praça da Sé)
Movimento dos desempregados

PROFESSORES: A ida ao Palácio, uma vitória do movimento grevista

A decisão dos professores em greve de marchar até o Palácio e se confrontar com Fleury foi uma decisão política. Isto

porque sabiam que estavam desrespeitando uma proibição totalitária. Desde quando o movimento dos desempregados, na época do governo Franco Montoro, derrubou as grades que cercam o Palácio, as manifestações foram ali proibidas. Desta forma a ida ao palácio significava uma atitude de firme defesa da greve, transformando-a numa única forma possível de vitória, que é a greve política. A arma do governo é derrotar a greve pelo cansaço e pressão, já que não interessa ao governo lançar mão de uma ampla repressão, já que a

situação conjuntural não permite. Por experiência os grevistas sabem que Fleury pouco se importa que a greve se prolongue por meses, uma vez que não mexe na produção. Também conta com o tempo para jogar os pais dos alunos contra o movimento. E por fim a falta de pagamento torna-se uma arma anti-greve. Está aí a tática reacionária do governo burguês para vencer. Em contraposição, os trabalhadores em educação tem como força a greve acompanhada de grandes manifestações de massa. A luta de massa nas ruas é o fator político da greve, ou seja, o fator capaz de potenciá-la contra o governo. Quanto mais ampla for a mobilização de rua, mais fundo atinge politicamente o governo. A mobilização na Av. Paulista e seu bloqueio total afeta os negócios da burguesia e a marcha ao Palácio ameaça politicamente o poder burguês. A violência da tropa de choque contra os grevistas, ocorrida no dia 26 de agosto, expôs o caráter totalitário do governo, ou seja, seu conteúdo político-social. Fleury e o PMDB sucateiam a educação (também a

saúde, etc) e para sustentar sua política de superexploração do funcionalismo têm de se basear na força. Os discursos de democracia são uma máscara. Ao aplicarem a linha neoliberal de favorecimento do grande capital e de solucionar a crise capitalista, liquidando as conquistas sociais (a educação pública é uma delas), estão obrigados a não atenderem nenhuma reivindicação. Pelo contrário, Fleury se utiliza da inflação para expropriar os salários, quando os impostos estão indexados. No acordo com as montadoras, reduziu a taxa do ICMS (imposto) favorecendo as multinacionais, que já têm uma lucratividade altíssima. Como então vencer uma greve que se choca com a diretriz neoliberal, ditada desde fora pelo imperialismo? Somente através da greve ampla combinada com manifestação de massa. Os professores demonstraram valentia em ir ao Palácio e é com ela que vencerão. Trata-se de ir fundo neste método de luta dos explorados, sem temer enfrentar o governo gorila.

Educação

Assembléia do dia 2 de setembro

A Corrente Proletária na Educação defendeu a volta ao Palácio no dia 9. As condições eram favoráveis, pois o movimento atingiu 90% de paralisação e ganhou a adesão dos diretores e supervisores de ensino. Por outro lado, Fleury

está desgastado após a repressão aos professores e, por isso já recuava diante da manifestação de 100 mil docentes na Paulista. Era a hora exata de avançar e encurralar o governo.

Porém, a diretoria e as correntes políticas (Convergência Socialista, Causa Operária, Coletivo dos Trabalhadores, Luta de Classes e PCdoB) vacilaram e desviaram o movimento grevista para o

Vale do Anhangabaú. O eixo central da greve que é o enfrentamento e combate contra o governo sucateador da escola pública foi substituído por mais uma manifestação no centro de SP.

A pressão ao poder executivo, portanto, diretamente no Palácio, deve ser retomada como forma de abrir as negociações.

Estudantil: Nossa luta é pelo ensino público e gratuito para todos

Está claro que o capitalismo não pode deixar de encarecer a mercadoria educação, assim como a saúde, etc. Quanto mais se explora e mercantiliza o ensino, mais se torna uma mercadoria de uma minoria burguesa, ou da classe média alta. A expulsão dos mais pobres é fatal. E a tendência do capitalismo em crise é privatizar ainda mais, o que quer dizer excluir mais e mais os assalariados do ensino. No Brasil, a burguesia semicolonial foi incapaz de sequer erradicar o analfabetismo. Pelo contrário, o país arrasta historicamente milhões de camponeses e operários sem nenhuma instrução escolar. Este obscurantismo, que só atinge os explorados, é um reflexo do capitalismo atrasado e submetido à opressão imperialista. No campo predomina o velho latifúndio, que não permite aos camponeses e semiproletários elevarem suas condições materiais de vida. Por isso, nas regiões mais atrasadas economicamente e oprimidas, como no norte e nordeste, a escola pública é uma cala-

midade. Nos grandes centros industriais, concentram-se milhões de trabalhadores vindos do campo e que já não podem ter acesso ao ensino. Não é por acaso que somente uma minoria da juventude pode cursar o segundo grau e, nas universidades, só chega a ultraminoria. Desta, uma boa parcela (30%) não pode concluir. Com as altas mensalidades e sucateamento do ensino público, agrava-se o quadro de exclusão dos explorados, que só são instruídos (uma parte apenas) quando os capitalistas necessitam de mão de obra qualificada. Esta realidade obriga o proletariado e as camadas empobrecidas da classe média a sair em luta pelo ensino público e gratuito, que significa levantar a bandeira de estatização de todo o sistema educacional, sem indenização dos empresários, e sob o controle operário-estudantil. Esta tarefa democrática tem sido abandonada pela direção da UNE, composta pela aliança PCdoB/MR8, este último agente declarado do governo Quéricia e Fleury.



METALÚRGICOS DE OSASCO: TERCEIRIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO

As fábricas que possuíam restaurantes próprios, agora estão se livrando dessa obrigação e passando-a para empresas externas. É a chamada terceirização. O incrível é que os pelegos da Força Sindical, que dirigem o Sindicato Metalúrgico, estão consentindo e até ajudando os patrões a implantar o novo sistema. E como fazem para ajudar? Convocam assembléia da fábrica e colocam em votação as mudanças, sem se colocar aparentemente, nem contra nem a favor. Os operários temendo represálias, porque o sindicato

não se coloca contra e os patrões vigiam a votação, acabam por votar contra seus próprios interesses. Um exemplo disso ocorreu na Lonaflex, em que a assembléia acabou votando que se começasse a cobrar o refrigerante que antes era gratuito. Não só isso, vão ter de pagar três meses de consumo já passados, quando ainda era gratuito. Alguém só pode votar numa proposta dessa, ou muito enganado ou com medo de represália. O problema é mais grave, pois com a terceirização do restaurante a comida vai ficar mais cara e

os operários vão pagar o mesmo que os chefões que ganham bem. A oposição metalúrgica está denunciando esta falcatrua dos pelegos e defende que se reveja a decisão tomada. O correto não é terceirizar, mas servir a refeição gratuita, que está mais do que paga com a enorme produção e os miseráveis salários.

Demissões: Responder com Greve e Ocupação da Fábrica

A retomada de queda da produção industrial no mês de agosto só começa ter seus reflexos na indústria metalúrgica de Osasco. As demissões que estavam relativamente contidas, voltam a atormentar os operários.

O mesmo ocorrendo em São Paulo,

como na FAG Rolamentos, em Santo Amaro, que demitiu de uma pancada 108 operários. E qual é a razão? A terceirização e redução do custo para aumentar a lucratividade. A resposta dos operários da FAG, entretanto, foi com a greve, único instrumento da defesa do emprego. É

necessário que a oposição metalúrgica inicie desde já a campanha contra as demissões, defendendo a greve com ocupação.

A MODERNIDADE CAPITALISTA:

A Superexploração na Mercedes Benz

Os capitalistas, como diz o ditado popular, sempre dão um jeitinho para continuar explorando e aumentar a margem de lucro. Na Mercedes Benz os operários em 15 minutos de trabalho já pagam seu salário, trabalhando o restante do tempo de graça para o patrão. Isto é o que se chama, na economia política, taxa de exploração do trabalho, ou seja, mais-valia, que é o tempo de trabalho não pago. Quanto mais for esse tempo não pago, maior será a exploração da força de trabalho.

Com a crise capitalista, a burguesia procura aumentar seus ganhos para se proteger. Assim impõe aos operários todo o tipo de retrocesso no que diz respeito às condições de trabalho, salário e mesmo nos benefícios sociais. Todas as suas conquistas ameaçam cair por terra.

Os patrões ainda zombam dos trabalhadores, dizendo de que se trata da modernidade, da fábrica ano 2.000 e que o progresso obriga a aperfeiçoar os meios de produção. Com este argumento querem que os operários trabalhem mais, recebam menos e aceitem pacificamente o desemprego de uma parcela. Esta é uma farsa dos exploradores.

Vejam: Na Mercedes por vários anos se produziu em três turnos ininterruptos. Cada profissional exercia somente uma atividade, ou seja, uma divisão de trabalho rigorosa, como era o caso dos empilhadores, dos controladores de qualidade, etc. Hoje, com o chamado "polivalente operador de máquina", o operário faz a vez do controlador, do empilhador etc. Os poucos inspeto-

res fazem também às vezes a outra parte dos empilhadores, sobrou até para os líderes que agora têm que olhar e coordenar tudo. Assim só os empilhadores foram reduzidos em 50%, considerando o transporte do mesmo número de produção.

Está aí a prova de que o operário polivalente é mais escravizado ainda pela burguesia. É isso que chamam de modernidade, quando na realidade escondem a caducidade e as contradições desse sistema de exploração do trabalho e produtor de fome e miséria.

Os trabalhadores não devem se iludir com esses argumentos de "modernidade". Está colocado defender a fundo os salários, a redução da jornada de trabalho sem perdas salariais, a estabilidade e fim do desemprego. Esta luta deve se encaminhar para pôr fim ao capitalismo. A única modernidade verdadeira é colocar as fábricas nas mãos de quem produz, ou seja, da classe operária. A transformação dos meios de produção, de propriedade privada capitalista em propriedade coletiva socialista acabará com a exploração do trabalho, com o desemprego e a fome. Isso se dará através da organização independente do movimento operário e da sua ação direta.

Abaixo a modernidade capitalista, que acaba com postos de trabalho, fonte de sustento dos operários! Viva a modernidade de não se trabalhar até a morte, de não se lucrar com a miséria dos trabalhadores! Pelo fim do capitalismo e pela sociedade socialista de homens livres!

Movimento Operário



Têxteis SP: Chega de Farsa Queremos Eleições para a Cipa de Verdade.

A CIPA é uma conquista da classe trabalhadora, deveria ser responsável por dar condições de trabalho satisfatória aos trabalhadores dentro das fábricas. Mas o que ocorre normalmente é que os patrões manipulam as CIPAs, estabelcendo que metade de sua representação é indicada pela empresa, inclusive o presidente. Assim, em todas as CIPAs os patrões acabam sempre ficando em

maioria. Mesmo assim, constantemente desrespeitam as regras, feitas por eles mesmos, e não dão nem o direito dos companheiros se candidatarem. A convocação das eleições deveriam ser feitas com 45 dias de antecedência, as inscrições deveriam ser feitas nos primeiros trinta dias e divulgadas em listas com quinze dias de antecedência.

Estas são regras que são desrespeitadas descaradamente pelos patrões. E a Vicunha também é um exemplo desta senvergônhice.

No mês de setembro haverá eleições para a CIPA na VICUNHA e já deveriam

estar abrindo as inscrições para quem quiser se candidatar. Mas o que acontecerá de fato é que os chefinhos e chefetes fazendo o jogo do patrão vão indicar seus compadres de confiança, e depois um belo dia de surpresa mandam o pessoal votar.

Temos que acabar com esta pouca vergonha, temos que exigir que abram as inscrições para a CIPA para que os companheiros possam escolher seus representantes entre os melhores lutadores da classe.

BOLÍVIA - Goni Sabe: Seu Inimigo é o Povo

As medidas que o novo governo está tomando o desnuda totalmente. Descobre-se que prepara-se ativamente para reprimir o povo rebelado mediante a força. Tudo o que agora tem-se feito no Poder Executivo e o que se tem planejado para "transformar" o parlamento servem a essa finalidade.

Bedegral, o aristocrata DE Urioste e outros palhaços, nos dizem muito despudoradamente que Goni e suas medidas são parte de uma "revolução radical" sem balas e sim com montanha de decretos, palavras ditas ao vento e bem azeitadas de demagogia. Que não nos venham com estórias, os burgueses gorduchos, podres e delinquentes, não podem fazer nenhuma revolução, eles são ultraconservadores e sanguessugas. Suas medidas tendem a acentuar a exploração dos trabalhadores, a escravidão das nacionalidades nativas, da massa camponesa, a venda de todo o país aos gringos.

O preparativo das organizações populares e sindicais para rechaçar a política global dos usurpadores do poder e que, na verdade, tem sido elaborada pelo imperialismo, está em marcha e se acentua a cada hora que passa. Já dissemos com anterioridade que o descomunal choque entre o povo e o governo "legítimo" virá logo e se torna inevitável. É o momento em que devemos limpar e preparar as armas para o combate.

A equipe de Goni conhece detalhadamente qual é o seu inimigo e em quem pode apoiar-se para impor a pausa tão ansiada e apregoada "paz social", indispensável para convencer as multinacionais que contam com as suficientes garantias para que seus investimentos não corram perigo algum.

A burocracia sindical - movendo-se em defesa dos seus interesses de camarilha e impulsionada por sua ideologia reformista e filoestalinista está empenhada em manter a setorização das mobilizações e, fiel a sua

crença de que as massas estão derrotadas, em retrocesso e que se passram ao neoliberalismo nas eleições, considera que é impossível uma vigorosa mobilização, razão pela qual se prepara para manter conversações intermináveis com as autoridades, com vistas a conseguir uma larga trégua social e algumas migalhas como reivindicações.

Os sonhos colaboracionistas dos burocratas se esfumaram diante da vigorosa mobilização das massas. É possível que as pressões das bases sindicais os empurrem para a esquerda - certamente que por um momento apenas enquanto não apareçam dificuldades no caminho - e o uso da demagogia radicalizante. O certo é que o governo já se apóia na burocracia para poder conter as massas.

Goni sabe que seu inimigo é o povo, que lançado à luta pode expulsá-lo do poder. Por isso está tomando as precauções necessárias, a fim de poder conter as massas e esmagá-las caso necessário. É sugestivo que Quiroga tivesse sido designado como Ministro do Interior. Trata-se de um elemento de conduta duvidosa e de uma história torcida e turva. Parece vinculado aos organismos de repressão internacionais, como a CIA e, violando a opinião pública, foi designado como cabeça desse ministério porque o governo sabe que pode montar um importante aparato repressivo.

A "esquerda" reformista está à direita e quase não existe, por isto não é nenhum perigo para o governo. Unicamente permanece em pé o POR, totalmente identificado com as massas radicalizadas; por esta razão se converterá no polo de atração para os organismos repressivos. Para esmagar as massas tem-se que tentar acabar com o trotsquismo. Esta conclusão o oficialismo já tem em conta.

Texto extraído do jornal Masas, 1346 - Agosto/93.



O ESTALINISMO MORREU. VIVA O MARXLENINISMO TROTSQUISTA!

O estalinismo contrarrevolucionário (desde o primeiro momento atuou como instrumento da política burguesa internacional) foi minando sistematicamente os pilares econômicos do Estado operário russo e com a Perestróika lhe atacou com a punhalada definitiva, que se traduziu na restauração capitalista da URSS, que emergiu da vitória de 1917. O capitalismo envelhecido irreversivelmente mostra todas suas chagas: desocupação, baixos salários, fome, corrupção, etc.

O sucedido na URSS - um descomunal e doloroso retrocesso em meio as dores do parto do comunismo mundial - nos ensina que uma revolução isolada (socialista em um só país), que pretenda conservar-se por todo um período na etapa democrático-burguesa para depois dedicar-se a sonhar no socialismo, que se abandone os braços do imperialismo para pretender salvar suas dificuldades, traz a cara da coexistência pacífica e dedica-se unicamente à competência econômica, que inevitavelmente cai na burocratização do partido e do Estado operário, está condenada a degenerar-se e a concluir esmagada pelo imperialismo. A dramática lição deve ser devidamente assimilada, a fim de que se possa atuar conseqüentemente.

Caiu em escala mundial o estalinismo criminoso e reacionário, como consequência de sua própria obra contrarrevolucionária e antioperária.

Os que sonharam que já viviam na sociedade sem classes não duvidaram em dissolver a Internacional Comunista - considerada como o Partido Mundial da Revolução Socialista - uma das mais sérias concessões feitas ao imperialismo.

Atualmente, os restos da contrarrevolução seguem manejando os recursos estatais na Rússia, lutando entre eles para seguir acumulando fortunas dos restos que ainda sobraram da propriedade estatal. Estas brigas de grupos reacionários não levarão a superar as calamidades do capitalismo, da economia de mercado. Como ensinaram os clássicos a resposta revolucionária não pode ser outra que a revolução política, para esmagar o capitalismo e os restos da

camarilha estalinista.

O obstáculo para que os protestos dos explorados contra a restauração capitalista desenboquem na revolução política (do proletariado contra a burocracia procapitalista), na ditadura do proletariado, no estado operário não degenerado, na administração das empresas pela classe operária, etc radica na ausência de uma direção política revolucionária. Está se pagando muito caro a ditadura sangrenta do estalinismo por mais de 8 décadas. Será o movimento revolucionário mundial, a Quarta Internarnacional posta em pé pelos trotsquistas, as que atuarão como alavancas para organização e fortalecimento da direção bolchevique na Rússia e nos outros países atualmente vítimas da restauração capitalista.

O marxleninismo trotsquista não deixou de lutar desde o primeiro momento contra o estalinismo contrarrevolucionário e de assinalar que sua atividade conduzia à restauração capitalista. Uma vez mais o método marxista ajudou a chegar a conclusões corretas, que têm sido confirmadas pelo desenvolvimento histórico.

O estalinismo se afundou e, ao mesmo tempo, o marxleninismo trotsquista tem demonstrado todo o seu vigor, sua vigência.

Trotsky foi assassinado pelo estalinismo em 20 de agosto de 1940. Agora proclamamos a grita nú que Trotsky vive em nosso pensamento e na luta das massas bolivianas! Estamos seguros da vitória da revolução proletária em nosso país e em todos os rincões do mundo.

Texto extraído do jornal MASSAS nº 1346.

Internacional



BRASIL CONHECE O "TRABALHO ESCRAVO"

Tomamos do "O Mundo Diplomático" (agosto de 1993) os seguintes dados:

A Oficina Internacional do Trabalho informa em 1992 que milhares de pessoas - incluindo crianças - são reduzidos a trabalhos forçados no Brasil. Os ricos proprietários rurais e sem escrúpulos os encerram nas explorações agrícolas imensas e não tem outra saída que evadir-se para denunciar ao mundo as crueldades de outra época que têm que suportar. O curioso é que as autoridades do Brasil fecham os olhos diante "destas violações dos direitos humanos".

São recrutados para trabalhar nas grandes fazendas entre os habitantes das regiões assola-

das pela miséria. Dos 147 milhões de habitantes do Brasil, 32 milhões vivem em numa situação de extrema miséria.

Os recrutados são destinados a realizar trabalhos pesados, vivendo em condições muito primitivas. Têm que desmontar bosques com ferramentas primitivas e não conhecem descanso aos sábados nem aos domingos.

Utilizam-se de adiantamentos em dinheiro e espécie e inclusive os gastos de transporte até a fazenda para obrigar os trabalhadores a permanecer na fazenda até cancelar toda a dívida e se morrer transfere-se a dívida a sua mulher e seus descendentes. Tem-se denunciado que numa fazenda tem-se que pagar até o consumo de água. A dívida os prende e eles descobrem logo esta realidade. Os "fazendeiros" (patrões) não aparecem, porém vivem sugando o suor e o sangue dos trabalhadores escravizados.

Trabalham num inferno selvagem desde as 5 da manhã até às sete da noite, sem descanso depois de comer pratos mal cozidos ...

A mesma publicação parisien-

se mensal reproduz em quadratura parágrafos da novela de Bruno Traven "A revolta dos enforcados" (1936) onde denuncia a brutal exploração, à margem das leis, dos índios mexicanos pelos grandes proprietários de latifúndios. Recrutados por capatazes em terras distantes semiescravizados com a ajuda das contraídas dívidas, o que os obriga a trabalhar até cancelá-las em condições de semiescravidão.

(Bruno Traven - 1882-1969) percorreu pelo mundo das letras como um misterioso escritor alemão refugiado no México desde 1920 por sua militância socialista, por ter participado na República dos Soviéticos em Munique, em 1919. Ingressou na fama com sua novela "Tesouro da Mãe Serra").

Na Bolívia persiste o trabalho semiescravista no Oriente e no Nordeste do país, a ninguém estranha, as autoridades governamentais lhe dão sua benção e ninguém grita pelo monstruoso desconhecimento dos direitos elementares de todo ser humano.

Texto extraído do jornal MASSAS POR nº 1346.

TRINCHEIRA DOCENTE

A revista bimestral da Federação dos Trabalhadores da Educação Urbana de La Paz é a prova viva de como se pode desenvolver um programa revolucionário para a educação, ou seja, um programa de defesa do ensino e de destruição do capitalismo putrefato. No seu número 1 (outubro de 1992), há um artigo intitulado "Transformação Radical da Educação" onde se diz: "É nosso dever sublinhar com toda energia que a solução do problema da escola está além das receitas pedagógicas, técnicas e administrativas, inclusive por cima da natureza e da conduta do governo de turno. Em nosso país a burguesia usa o apolitismo para impedir que se possa desentranhar a essência do problema da educação, para seguir impondo de maneira indireta suas idéias a respeito, para manter submissos o povo, os mestres e os estudantes". A partir daí analisa a política governamental para a educação e extrai as conclusões para a luta. Na trincheira número 2 (janeiro de 1993), se aponta um artigo chamado "O currículo de Transição", oposto à concepção neoliberal. A revista informa que esse foi apresentado no Congresso Nacional da Educação em outubro de 1992 e sofreu um ataque frontal do neoliberalismo (política pró-im-

perialista sucateadora da educação). Transcrevemos um trecho: "Este Currículo de Transição, tão combatido pelos neoliberais, parte da certeza de que a educação nova será produto da sociedade nova e de que agora é necessário a escola nova". A número 3 traz uma análise crítica contundente às concepções do educador brasileiro Paulo Freire. Diz: A chamada "educação popular" diz-se inspirar em Freire e ambos não ocultam sua afinidade com a Igreja. Em educação a fé é a fonte do obscurantismo. Também em nosso país o reformismo se apóia na educação popular, em seu afã de modernizar a atual escola e trabalhar, no marco do capitalismo, por um homem novo. São estes antecedentes que nos obrigam a saldar contas com a "pedagogia da libertação" e a educação popular".

A revista Trincheira dirigida por marxistas trotskistas bolivianos, representa um importante passo na luta anticapitalista. A decomposição da escola é uma das manifestações mais contundentes da falência do regime burguês de exploração do trabalho. É um dever dos trabalhadores e militantes conscientes ler e divulgar as idéias da "Trincheira Docente".

